

## **BIOPOLÍTICA NA OBRA DE MICHEL FOUCAULT**

WEIZENMANN, Mateus  
Universidade Federal de Pelotas

### **1 INTRODUÇÃO**

A obra de Michel Foucault ostenta um dos mais relevantes legados teóricos para a compreensão da mentalidade científica e da realidade política contemporâneas. Dividida entre a arqueologia dos saberes, nos anos 60, a genealogia do poder, na década seguinte, e o estudo das práticas do cuidado de si, nos anos 80, apresenta conceitos novos que se fazem perceptíveis nas práticas de qualquer indivíduo, bem como na manipulação societária. A política, mediante sua investigação, desde meados do século XVIII, se sustenta em procedimentos disciplinares, voltados à fabricação do indivíduo dócil, e na manipulação dos fenômenos partilhados pela espécie, tais como a natalidade, a mortalidade, a saúde e a doença, a sexualidade e o estigma da pureza racial, inseridos no cálculo de uma Razão de Estado.

O presente trabalho é uma investigação sobre as estratégias que no século XXI levam em conta os fenômenos de população para estabelecer as regras governamentais, especificadas como uma biopolítica, e que seguem a herança do que foi diagnosticado por Foucault como um exercício velado da modernidade européia. Para tanto, a pesquisa se volta à obra escrita pelo filósofo na segunda metade da década de 70, e enseja perfazer sua definição conceitual, o itinerário histórico apresentado, e um diagnóstico do modo de fazer o discurso e a prática política na contemporaneidade, verificando os lugares e situações em que este discurso faticamente acontece.

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

O trabalho se realizou por meio de pesquisa bibliográfica: leitura, interpretação e análise conjuntural das práticas passíveis de explicação por meio dos princípios teóricos investigados. Para tanto foram privilegiados os textos de Michel Foucault, fazendo-se uso de outros filósofos como bibliografia secundária.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Até o momento empreendeu-se a leitura dos textos especificados na bibliografia e a composição de um artigo a ser publicado em revista de filosofia.

No desenvolvimento da pesquisa observou-se que na constituição biopolítica contemporânea coloca-se em jogo a maximização da saúde da população como afirmação da força e energia estatal, já que não é mais sobre um território que se governa, e sim sobre a população ativa em movimento. A necessidade de transformação da força em lei, outrora afirmada por Rousseau, se torna inócua em meio a um poder que não se atém ao estatuto, mas à física dos movimentos, à vida que no corpo é rendimento. Em última instância, não é no direito, nas leis, e sim no biológico, no somático, que se enraíza a nova política,

colocando-se o aparato jurídico como chancela, mas também como dependência, de um plano de estratégias biopolíticas.

O problema das cidades tornou-se central para a nova forma de ação do poder na modernidade. Controle das circulações, dos miasmas, da criminalidade, da saúde, da satisfação popular, da escassez de alimentos, do controle dos soldos do operariado industrial urbano. Para tanto a economia política, a estatística, a polícia e a pesquisa de opinião serviram como pontos de apoio. Se outrora a soberania se ancorava no horizonte jurídico, exercendo o controle de um território; e a disciplina, em meio às tecnologias de normalização ventilava a individualidade dos corpos; a biopolítica se assegura por meio dos dispositivos de segurança, agindo de modo preventivo. Em seu desenvolvimento desfez a disposição binária e antagônica entre o permitido e o proibido, valendo-se de certa dose de fome, doenças e delitos para compor o cenário de sua governamentalidade. Da anterior forma do “fazer morrer”, como patamar máximo de ostentação de força do rei, a ordem do poder centrado na espécie é a do “fazer viver ou deixar morrer”.

#### 4 CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou a identificação do discurso biopolítico com as práticas contemporâneas de gestão estatal. Tornou-se possível identificar a gênese de núcleos marginalizados na sociedade atual com a teoria de Michel Foucault. Na formação destes observou-se a reativação de mitos de degenerescência racial, e uma moralidade mutável e modulada de acordo com interesses políticos, por meio dos quais se estabelece uma cota razoável de mazelas sociais como instrumento da mecânica do poder.

O corpo-espécie na atualidade vincula-se aos propósitos que o poder disciplinar moderno já havia posto em ação no plano do indivíduo: promoção da obediência e utilidade. Se não pela adaptação à norma, pelo contentamento ou apatia social, reativando a fórmula do “pão e circo” romano.

#### 5 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **O Conceito de Iluminismo** (In.: Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BERTANI, M. **Sur la généalogie du bio-pouvoir**. Paris: ENS Éditions, 2001.

BILLOUET, Pierre. **Foucault**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

EISNER, Will. **O complô**. A história secreta dos Protocolos dos Sábios de Sião. São Paulo: CIA das Letras, 2006.

ERASMO DE ROTTERDAM. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O homem e o discurso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. História da violência nas prisões. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos IV**. Estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KANTOROWICZ, Ernst. **Os dois corpos do rei**. Um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: CIA das Letras, 1998.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**. A trajetória da Arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. A filosofia e a literatura. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução: por uma genealogia do poder**. (In.: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder). 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 5. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ROUANET, Sérgio Paulo. **A gramática do homicídio**. (In.: FOUCAULT, Michel. O homem e o discurso). 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.